

*atlas*  
*de* **RELACÕES**  
**INTERNACIONAIS**

N.º 22

**A SUÍÇA GEO-HISTÓRICA**

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Uma Nação. 2 — Quadro Geográfico. 3 — População.  
4 — Evolução Histórica. 5 — Estrutura Política. 6 — Desenvolvimento Econômico. 7 — Suíça e as Guerras Mundiais.

---

CADERNO ESPECIAL  
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA  
34 — N.º 2

# A Suíça geo-histórica

Delgado de Carvalho

## 1 — Uma Nação

A Suíça é uma evocação atraente para estrangeiros de todos os países. Lembra-lhes imediatamente uma terra de montanhas com geleiras e neves, paisagens pitorescas em climas privilegiados, vales com rios encachoeirados, formando lindos lagos. Nestes cenários, gados malhados das melhores raças vão pastando pacificamente sob a guarda de pastores “iulando” a tirolesa e camponesas em garbosos trajes locais. Mas hoje a Suíça não é mais só isto, é muito mais. A Suíça atual é diferente do que foi para nossos antepassados em turismo. É dos mais importantes países pequenos do Globo, apesar de todos os obstáculos que se opunham e ainda se opõem à sua grandeza.

A Suíça é terra de fracas dimensões geográficas, ocupando uma posição central no continente, protegida por suas montanhas que a isolam, sem porto de mar, sem marinha, sem colônias; sua independência econômica depende, assim, dos vizinhos — Itália, França, Alemanha e Áustria — seus intermediários nas relações mundiais. Em compensação, possui os grandes passos alpinos do S. Gotardo, do Simplon e do Splügen. Topograficamente, seus rios impetuosos, embora abundantes, não se prestam à navegação a não ser nos lagos alongados que formam. Contrariamente ao conceito clássico de Estado Nacional, a população da Suíça pertence a diferentes etnias, segue diversas religiões e fala também várias línguas. Entretanto, a *Helvécia* é das na-

ções mais antigas no continente, na qual a nacionalidade é mais firmemente estabelecida, mantendo-se incondicionalmente neutra em todas as fases da história medieval, moderna e contemporânea que viveu a Humanidade.

Se a todos estes obstáculos e discórdâncias acrescentarmos a pobreza da Suíça em recursos minerais e, em grande parte, de seu solo inaproveitável, podemos considerar os resultados aos quais chegou um povo que se tornou, pela sua união, energia e trabalho, uma das entidades políticas mais respeitadas e prestigiosas do mundo contemporâneo.

## 2 — Quadro Geográfico

a) Os *Alpes* constituem a parte principal do dobramento que afetou o continente europeu na época terciária. Seus maciços são possantes e contínuos, de relevo ainda jovem, com altitudes superiores a 4.000 metros. Suas vertentes são desiguais, com mais forte declive para o sul e mais suave para os grandes vales do Ródano, Reno e Danúbio. Seus *passos* são numerosos, acessíveis, e desempenharam importante papel histórico na formação política da Europa. Apresentam também vales longitudinais que dividem o maciço dos *Alpes Centrais* nos setores meridional e setentrional. É exatamente nesta parte mediana dos pontos mais elevados que se localiza a Suíça.

Estendem-se os *Alpes* em larga cordilheira das costas do Mediterrâneo até o Danúbio, na altura de Viena, formando hemicírculo na parte norte da Itália. Geologicamente, ao sul da linha Ródano—Reno, as principais formações são *crystalinas*; ao norte desta linha, predominam as rochas *calcárias*. São, em regra, estruturas complicadas pela superposição de *lençóis de arrastamento* produzidos na era terciária. Estes dobramentos desde cedo foram atacados pelos fatores destrutivos das águas e dos ventos. Constituíram-se, assim, compartimentos naturais, dispostos em leque ao redor do S. Gotardo que é o nó de todo o sistema suíço, pois marca o ponto inicial dos grandes vales do Ró-

UISSE. SCHWEIS. SVIZZERA  
SUIZA. SWITZERLAND

FRANÇA

FRANÇA

CHABLAIS

FAUCIGNY

M. TENDRE

Genebra

Léman

Lausane

Rodano

PRÉ

ALPES

ALPES DO VALAIS

CERVINO

Mt. ROSA

SIMPLON

Brigue

ALPES BERNÉSES

JUNGFRAU

FURKA

SÃO GOTTARDO

Reuss

Lucerna

L. dos Quatro Cantões

Zug

Glaris

Reuss

Zürich

Limmat

Aarau

R. Aar

Basileia

R. Reno

Shaffhouse

Constança

THURGÓVIA

St. Gall

Appenzell

SCHWYZ

Uri

Schwyz

Ob. u. Nidwalden

Basileia

St. Gall

Appenzell

Schwyz

Uri

Ob. u. Nidwalden

Basileia

St. Gall

Appenzell

Schwyz

Uri

Ob. u. Nidwalden

Basileia

St. Gall

ITALIA

BERNINA

St. Moritz

SPLUGEN

Bellinzona

Locarno

Domodossola

Domodossola

STELVIO

Reinhold

M. COCCHETTI

dano, do Reno, do Reuss e do Tecino. Os vales principais são de origem tectônica, cavados por fenômenos internos multisseculares, cavados pelas geleiras que lhes deram uma base larga e extensa em forma de "U". Os vales secundários, abertos pelas águas correntes, têm a forma em "V" e fundo estreito. Os Alpes ocupam cerca de 3/5 do território suíço.

Os *Alpes do Sul* são formados por três blocos principais:

I — Os *Alpes do Valais* que possuem os mais altos pontos da Suíça, como o *monte Rosa* de 4.638 metros (Ponta Dufour). Lá também se encontram o *monte Cervino* (Matterhorn) e o *Weisshorn*. A vertente norte deste bloco termina abrupta no vale do Ródano. A vertente sul vai baixando suas cotas até a planície do Pó.

II — Os *Alpes do Tecino* orlam os lagos italianos (Major e de Como) e formam um dédalo de cadeias surgindo num pedestral maciço, no qual se abre a brecha do S. Gotardo.

III — Os *Alpes Réticos* mais a leste, caracterizados pelo famoso vale do *Engadina*; neles se acham os maciços de *Bernina* e do *Adula*.

Os *Alpes do Norte*, exclusivamente em território suíço, são formados por três grupos principais também:

I — Os *Alpes Berneses*, ao longo do Ródano, até o passo da Furca e S. Gotardo. Nestes se acham os grandes maciços do *Finsterahorn* (4.275 metros) e do *Jungfrau* (4.167 metros).

II — Os *Alpes de Uri* e de *Unterwald*, entre o alto Aar e o Reno, apresentam o maciço do *Titlis*.

III — Os *Alpes Glaroneses* que se estendem do Reuss ao Reno, incluindo o maciço do *Toedi*.

Apesar de seus imponentes maciços, os Alpes constituem relevos relativamente fácil de trânsito pelo quadrilado de seus vales longitudinais, cortados de vales transversais que foram alargados pelas gleiras, embora situados a altitudes superiores a 2.000 metros.

O *Passo do Brenner* entre a Áustria e Itália foi o caminho clássico seguido pelos imperadores alemães nas suas expedições feitas ao território italiano. Mas, na Suíça, os passos são numerosos e quando não permitiam vias férreas a céu-aberto foram as serras perfuradas por túneis com vias duplas. Foi na segunda parte do século XIX que, depois dos túneis austríacos do *Semmering* e francês do *Monte Cenís*, que os suíços trataram de abrir túneis nos passos mais importantes.

Coube ao S. *Gotardo*, passo conhecido e utilizado desde o século XII, e promotor efetivo da formação da Suíça, ver iniciado em 1880 o seu famoso túnel a 1.150 metros de altitude. No fim de dez anos foram inaugurados os seus túneis em hélices de 15 km. É a via férrea que une Calais a Brindisi, Antuérpia a Gênova; dela depende o abastecimento da Itália pela Europa Central, principalmente em carvão.

O *Passo do Simplon* teve seu túnel terminado em 1905, a 700 metros de altitude e mede 20 k; foi cavado nos Alpes do Valais. Por suas linhas duplas, a Europa Ocidental também ficou diretamente em contacto com o norte da Itália (Paris, Dijon, Lausanne, Milão).

O *Passo do Loetschberg*, inaugurado em 1913, mede 14.600 metros de túnel a 1.200 metros de altitudes. É uma linha essencialmente bernesa de comunicação com o Simplon.

Os outros passos como o *Splügen*, o *Stelvio* e o *Maloja* unem a vertente do lago de Como com as bacias do Reno e do Inn.

b) A grande complexidade orográfica que representam os Alpes cristalinos e calcários, além do Planalto Suíço, estendem-se as serras paralelas do *Jura*. O relevo é quase exclusivamente calcário e pertence à formação dos Alpes, dos quais é um ramo destacado de características diferentes. O *Jura* é constituído de ondulações regulares, menos variadas e menos prati-

cáveis que os Alpes propriamente ditos. Seus vales longitudinais chamados *combes* contam alguns cortes transversais chamados *clusas*, gargantas estreitas que raramente se correspondem para formarem passos contíguos. Por vezes, certas *clusas* se tornam vales fechados sem escoamento superficial das águas, como o *vale de Joux*. O relevo do Jura pertence, na sua parte oriental, ao território suíço; nele se acha o *monte Tendre* (1.680 metros) embora o ponto mais elevado pertença ao território francês no *Crêt de la Neige* (1.723 metros). A permeabilidade do calcário jurássico explica as suas fendas e rachas que resultam em escassez de águas nos pontos mais altos, enquanto em nível inferior correm águas subterrâneas.

c) O *Planalto Suíço ou Mittelland* se estende entre o lago de Genebra e o lago de Constança, entre os maciços Alpino e Jura. Sua superfície em território suíço é de aproximadamente de 30%, constituindo a sua parte mais importante. Esta região intermediária não corresponde bem ao que vulgarmente chamamos de "planalto". Trata-se na realidade de extensa região percorrida por numerosos rios correndo de sudeste para noroeste, zona que, no seu lento declive, apresenta pequenas colinas, algumas das quais constituem os *Pré-Alpes*. São vestígios dos sucessivos períodos glaciaários em que as geleiras dos Alpes, ao recuar, deixaram *morainas e blocos erráticos*. Foi igualmente este trabalho geológico que determinou barragens morânicas formadoras dos lagos alongados da Suíça Central. A origem dos dois grandes lagos de Genebra e de Constança são provavelmente resultante de uma depressão.

O Planalto Suíço é pois um tanto acidentado e, em certos pontos, apresenta altitudes de 1.000 metros. Seu subsolo é formado por camadas terciárias pouco dobradas e, em certos pontos, oferece recursos minerais, argila, calcário e turfa. A terra arável é de mediocre fer-

tilidade, a não ser em certos trechos de depósitos flúvio-glaciares.

d) Sob o ponto de vista *climático* a Suíça é submetida a regimes diferentes, devido principalmente à grande variedade de altitudes. Pode-se dizer, entretanto, que o país, com sua posição central no continente, goza de um *clima temperado-frio* em sua região planáltina e de um *clima mediterrâneo* em suas vertentes alpestres meridionais, isto é, italianas. Seu ar é saudável, sendo até mesmo em certas regiões particularmente favorável, pela *insolação*, como ocorre na margem suíça do lago de Genebra e certos vales do cantão de Valais. A região jurássica é mais fria.

Dois *ventos principais* caracterizam o planalto: o vento do nordeste chamado *bise* e o vento do sul chamado *foehn* que, por vezes, é violento. O primeiro é seco e frio, o segundo, embora seco, é quente. No Jura sopra o *joran*, vento úmido e frio.

As montanhas, como poderosos condensadores de *chuvas*, dotam a Suíça de amplas precipitações pluviais; mas os Alpes servem também de anteparos aos ventos marítimos quentes e úmidos que vêm do sul.

É durante o inverno que o país recebe a menor quantidade de chuvas; no verão realizam-se as enchentes fluviais com o derreter das neves.

e) As *águas fluviais* da Suíça pertencem a quatro bacias de desigual importância: Reno, Ródano, Pó-Adige e Inn, que pelo Danúbio alcança o Mar Negro. As três primeiras destas bacias têm ponto inicial comum de separação no S. Gotardo, onde nascem o *Reuss*, o *Ródano* e o *Tecino*. Quanto ao *Reno*, *Inn* e *Pó* também têm origens vizinhas no passo de Septimer (cantão Grisoês).

Só a parte superior da *bacia do Reno* pertence à Suíça, embora representando 2/3 de todo o território (29.000 km<sup>2</sup>). São várias as fontes do rio na região do S. Gotardo; o *rio Aar*,

seu tributário, traz maior quantidade de água que o próprio Reno porque drena o *rio Sarine* que banha Friburgo e Berna, o *rio Reuss* que, passando pelo *lago dos Quatro Cantões*, banha Lucerna, o *rio Limmat* que escoa o *lago Zurique*, banhando a cidade do mesmo nome e, finalmente, o *rio Tur*.

A terça parte do curso total do Reno é suíço. Trata-se de um rio de montanha, característico pelo derretimento de cerca de 150 geleiras no fim da primavera e durante o verão. Leva grande quantidade de material colhido nas suas margens que deposita no lago de Constança que lhe serve de agente regulador. Em *Shaffhouse*, o Reno atravessa o planalto calcário do Jura suíço-bávaro, formando as suas famosas *quedas* de 23 metros de altura, seguidas de rápidos. Segue para oeste, alcançando *Basiléia*, onde se torna navegável por barcos maiores.

A *bacia* do Ródano só comporta, na Suíça, a quarta parte da *bacia* do Reno. Conserva sua situação alpestre até o escoadouro do *lago Léman ou lago de Genebra*. O Ródano Suíço tem 253 km, incluindo os 72 km do lago. Seus principais afluentes são curtos rios torrenciais que o alcançam pela margem esquerda, drenando os Alpes do Valais, como o *Saas* e o *S. Nicolau*, nascidos nas geleiras do monte *Rosa*, do *Cervino* e *Gornergrat*.

### 3 — População

“O relevo muito acidentado da Suíça, seu solo relativamente pouco fértil, bem como o seu clima um tanto rude, explicam a demora do seu povoamento até meados do século XIX” (Jaccard e Spreng — *Géographie Économique de la Suisse* — pág. 50). A *população* é muito desigualmente repartida. Nos Alpes, só as localidades no fundo dos grandes vales são favorecidas; as que se acham como que enganchadas nas encostas das montanhas sofrem o problema das dificuldades de comunicações. Nestes últimos cem anos, o trabalho dos suíços venceu estas condições contrárias e os *recursos industriais* superaram as *atividades rurais*.

Em 1817 a população suíça foi estimada em 1.687.000 habitantes; em 1920, o recenseamento revelou ser de 3.880.000. O censo de 1960 chegou a 5.430.000 *pessoas*, indicando uma média de 131 hab./km<sup>2</sup>. A distribuição é muito desigual: no cantão de Zurique a densidade é de 551 hab./km<sup>2</sup>, enquanto no cantão dos Grisões a densidade cai para 21 hab./km<sup>2</sup>.

De um modo geral, é entre os maciços alpinos e as serras do Jura que o planalto Suíço localiza a maioria da população (5/6 do total). Os distritos mais povoados são as cidades e arrabaldes nas margens dos lagos de Genebra e de Zurique onde se encontram as zonas industriais. Com relação à altitude, os núcleos populacionais vão, de um modo geral, até os 800 metros; só 13% da população vive além desta altitude.

De 1850 para cá a *população rural* está em constante regressão, como indicam as seguintes percentagens no quadro abaixo:

Ano	Urbana	Rural
1850	33%	67%
1880	45%	55%
1900	53%	47%
1920	61%	39%

Cinco cidades suíças têm atualmente uma população urbana de mais de 100 mil *pessoas*; a maior da Confederação é *Zurique* com 434.000 habitantes. A segunda é *Basiléia* com 215.000 *pessoas*; seguem-se *Genebra* (172.000), Berna que é a capital (168.000) e *Lausanne* (139.000); são ingualmente cidades importantes *Winterthur*, *Lucerna* e *La Chaux de Fonds*.

*Zurique*, antigo “castellum” romano, foi a primeira cidade da Helvécia a se tornar comerciante ativa, pelo fato de encontrar-se na saída do S. Gotardo. Transformou-se logo em “cidade-livre” do Santo Império Germânico (1218). Ficou muito tempo sob a suzerania dos Habsburgos, cujo castelo em ruínas domina o último setor do rio Aar. A cidade propriamente dita está localizada no rio Limmat, subafluente do Reno que aí escoa o lago de Zurique.

*Basiléia*, antigo centro gaulês, foi cidade romana — Basilla. Sua posição no trecho do Reno navegável deu-lhe, desde a Idade Média, o valor de ponto inicial na circulação transalpina.

*Berna*, situada num ponto estratégico do rio Aar, foi fundada pelos Duques de Zähringen (cem anos antes do Pacto de 1291). Sua prosperidade econômica, nos séculos XVI e XVII, determinou um surto de governo aristocrático (Suas Excelências de Berna) mas, com o curto domínio francês perdeu muitos territórios, entre os quais os de Argóvia e de Vaud. Em 1348 foi escolhida como capital da Confederação Suíça.

*Genebra*, quando o Ródano sai do lago Léman (ou de Genebra), foi cidade alobroge do Império Romano e sede de Bispado. Pertenceu sucessivamente aos francos e aos burgúndios, foi Condado e Ducado dos Condes de Saboia. A falta de segurança sofrida durante a Guerra-dos-Cem-Anos levou esta cidade burguesa, comercial e bancária, a procurar aliança com Friburgo e Berna. Só em 1814 conseguiu entrar na Confederação Suíça.

*Lausanne*, importante centro ferroviário e rodoviário da Europa Central, foi, no século XIII, sede episcopal depois transferida para Friburgo. É hoje, à beira do lago de Genebra, centro principal de turismo da Suíça Francesa. Sua industrialização tem sido rápida no setor alimentício, plástico e mecânico.

No passado, ainda recente, a população suíça laboriosa e sedentária pouco se afastava de seu torrão natal; só no século XIX é que se iniciou o movimento das zonas rurais para as cidades. Tal fenômeno resultava de causas diversas, incluindo dificuldades materiais e oportunidades variadas proporcionadas pelos núcleos urbanos. Camponeses foram se dedicar aos serviços de trânsito, de policiamento e de fábricas; forte contingente feminino foi se empregar nos serviços domésticos;

numerosos são os que foram chamados aos estudos universitários para os grandes centros intelectuais do país.

A *emigração* teve papel importante na Suíça. Foram os pioneiros na colonização estrangeira no Brasil, pois em 1818, a convite de D. João VI, se estabeleciam na colônia de Nova Friburgo, hoje importante cidade do nosso Estado do Rio. As migrações helvéticas se destinam principalmente aos países limítrofes — Alemanha, França e Itália; no entanto, os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil recebem também levadas anuais constantes. Em 1960, a estatística dava 584.000 residentes estrangeiros na Suíça, contra 163.000 suíços residindo no estrangeiro. Ao Brasil atribuiu esta estatística um total de 3.972 pessoas. Em resumo, pode-se concluir que país nenhum, além da Suíça, possui proporcionalmente maior contingente estrangeiro em sua população pois é de mais ou menos 10%.

*Etnicamente*, a população suíça é formada em essência por dois grupos principais: o *elemento germânico* representando cerca de 70% do total e o *elemento neo-latino* com os restantes 30%. Os alemães da Suíça falam vários dialetos que se afastam do alemão literário; a maioria se expressa em “schwyzerdütsch” que, aliás, varia de um cantão para outro. Nestas condições quem for aprender o alemão na Suíça sairá logrado.

Os neo-latinos falam *francês, italiano e romanche (romanicum)* língua rhetoromana dos grisões, decretada como a quarta língua oficial do país em 1938. O francês é falado nos cantões de Genebra, Vaud, Friburgo, Neuchatel, Soleure e parte norte de Berna. O italiano é língua do cantão do Tecino.

Não existem limites precisos das línguas na Suíça; estas se acham mais ou menos estabilizadas apesar de marcada interpenetração. Em regra, o suíço culto é poliglota e o inglês é muito falado no país, sendo um dos principais idiomas usados na indústria hoteleira para tantos turistas.

A distribuição das línguas não coincide com a das religiões. As regiões centrais ocupadas pelos cantões florestais, Lucerna, assim como o Tecino, Valais e Friburgo, são *católicas*. A estatística de 1960 revela cerca de 53% de protestantes na população. Estão proibidos no país a fundação de conventos e novas ordens religiosas.

#### 4 — Evolução Histórica

A Europa Central entrou na História Universal com as chamadas “invasões bárbaras”. Um século antes de Cristo, vieram do sul da Alemanha os *helvetas* que Cesar conseguiu submeter ao domínio romano. Expedições também foram levadas a efeito contra *populações célticas* dos Alpes, principalmente os *réticos*. No século III, povos germânicos passaram o Reno, invadindo o planalto suíço: eram os *alamanos* e os *ourgúndios* que finalmente caíram sob o *domínio franco*, no tempo de Clóvis e de Carlos Magno. Com a partilha do Império Franco, surgiu a *Borgonha* que abrangeu a Suíça Ocidental.

Uma nova tentativa de Império Universal foi feita com o *Santo Império Germânico*. Sucessivas dinastias alemãs dominaram as populações helvetas do planalto e dos Alpes, cabendo a senhores feudais e eclesiásticos o governo destes territórios meridionais. Acabaram certas famílias de governadores imperiais se apoderando de extensos distritos, apesar do *direito de imediação* que tornava certas regiões independentes dos senhores feudais mas sujeitas *diretamente* ou imediatamente à autoridade imperial. Os camponeses suíços das regiões florestais gozavam, assim, pelo seu afastamento, de maior autonomia e liberdade. No planalto, entre os Alpes, o Reno e o Jura multiplicavam-se as possessões das grandes famílias: os *Zaehringen*, os *Kyburg*, os *Saboias*, os *Habsburgos* e outros importantes senhores eclesiásticos. Os distritos florestais de Uri, Schwyz e Unterwald viram sua “imediação” ameaçada quando, depois do Grande Inter-Reino, Rodolfo de Habsburgo foi eleito imperador da Alemanha.

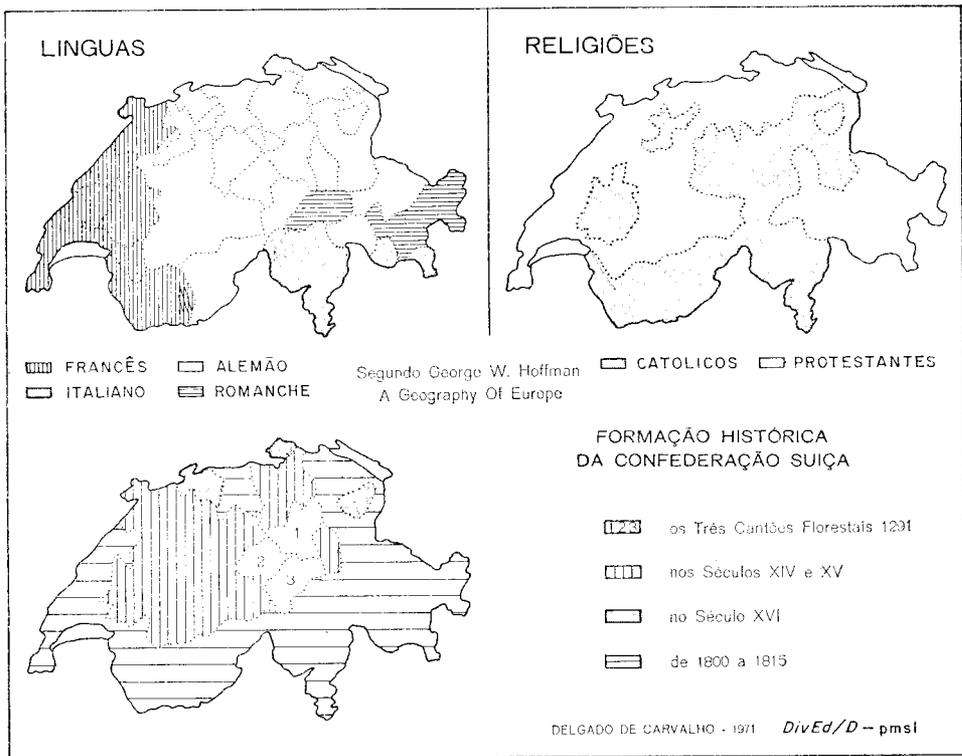
Eram exatamente estes “Estados Florestais” (Waldstatten) que controlavam, nas margens do lago dos Quatro Cantões, o acesso do passo do S. Gotardo que se havia tornado principal caminho de comunicações entre o Santo Império e a Itália. Rodolfo II foi favorável aos suíços, mas por sua morte, os tres cantões de Uri, Schwyz e Unterwald concluíram (1291), no Grütli uma Aliança Perpétua cujo pacto é considerado como o de *fundação da Confederação Helvética* que atualmente existe.

Uma política anti-habsburguesa foi, desde então, assumida pelos três cantões, a fim de defender suas liberdades. Por sua vez, os Habsburgos, possuidores então da Áustria, tentaram submeter os florestais, sendo vencidos sucessivamente pelos Confederados em Morgarten (1315) e mais tarde em Sempach (1386). O conflito com os austríacos durou dois séculos, sendo marcado por vários episódios de vitórias e derrotas dos suíços.

O *Convênio de Sempach* havia sido a *primeira lei militar* dos Confederados que, no fim do século XIV, já haviam conseguido a adesão de cinco cantões vizinhos — Lucerna, Zug, Glaris, Zurique e Berna. Rurais e cidadãos constituíram forças armadas de reputado valor que, em 1422, começaram suas tentativas ao sul do S. Gotardo contra os Duques de Milão.



Com o sistema medieval de partilhas, havia surgido na França o *Ducado de Borgonha* que, dirigido por Carlos o Temerário, lutava para reconstituir uma monarquia através da reunião de suas possessões dispersas. A Suíça Ocidental entrava nos planos de Carlos o Temerário, instigado pela astúcia do rei Luiz XI da França. O Duque borgonhês foi, porém, vencido pelos suíços em Granson e Morat, morrendo em Nancy (1476-77). Do genro de Temerário, o Imperador Maximiliano, tiveram também os suíços que se libertar dos impostos e da justiça; promovendo a *Liga Suábica* e vencendo-o em Dor-



nach (Guerra Suábica) obtiveram o reconhecimento imperial de sua independência (1499). Entravam em seguida na Confederação as cidades imperiais de *Basiléia* e de *Shaffhouse*.

A pressão democrática levava grande número de rurais a se tornarem soldados e serem *mercenários* em exércitos estrangeiros. Como tais serviram aos reis da França nas Guerras da Itália, aos Duques de Milão, aos venezianos e a vários Papas. Por vezes, fora da Suíça, serviam em causas opostas. Acabaram sendo derrotados pelos franceses de Francisco I em Marignan (1515). Era o término da "idade heróica" dos mercenários helvetas, vencidos pela nova artilharia.

Abria-se, no primeiro quartel do século XVI, uma nova era histórica para a Suíça, determinada pelo grande movimento religioso da *Reforma*. Surgia em Zurique um pároco letrado, *Ulrich Zwinglio* que defendeu publicamente suas novas doutrinas na "disputa de Zurique" em 1523; criticava os dogmas, a atitude do clero, certas práticas como

a de um regime mais democrático, casamento de padres, supressão de conventos, substituição da missa pela prédica. Suas idéias tiveram difusão e sucesso na Suíça alemã, mas não nos meios rurais dos cantões florestais. Zwinglio ganhou partidários em Basiléia, Zurique, S. Gall, Glaris e Berna; Lucerna, no entanto, resistiu. Começou então uma longa fase de guerra religiosa entre cantões católicos e protestantes. Apesar de tudo, a Suíça não se deixou envolver na Guerra-dos-Trinta-Anos; graças ao conflito religioso interno conseguiu ficar neutra. Foi esta neutralidade independente reconhecida em direito internacional pelos *Tratados de Westfália* em 1648.

Tempos depois, Genebra acolheria o reformador francês *Calvino* que, através do *calvinismo*, estabeleceu aí um regime religioso de grande severidade (1536).

No fim do século XVIII os *Treze Cantões*, que formavam então a Confe-

deração, não constituíram propriamente um Estado, pois a tensão religiosa mantinha entre eles a distância política; forças cantonais, moedas distintas, leis diferentes, a *Dieta Católica* reunindo-se em Lucerna e a *Dieta Protestante* em Aarau. Os descentendimentos, porém, se davam principalmente no setor administrativo dos *bailliados comuns* e nos *tratados* com os estrangeiros, pois os cantões possuíam também *países aliados, protetorados* e “*subditos*”, por vezes administrados em comum por governadores ou *bailliados*. Só o serviço mercenário no exterior, de valioso recrutamento, rendia subsídios e pensões do estrangeiro. No início do século XVIII, eram 70.000 os soldados suíços a serviço da Áustria, da Espanha, da Holanda e da Sabóia; eram porém mais estreitas as relações com a França sob forma de “*capitulações militares*”.

Economicamente, apesar das frequentes querelas internas, a Confederação estava tirando proveito de um século de paz, prosperando a sua agricultura, sua criação e sua indústria artesanal.

A atmosfera política que reinava na Europa daquele século, entretanto, não podia deixar de prevalecer, de seu modo e forma, nas pequenas democracias suíças. Com a prosperidade, as pensões e os serviços mercenários, tinham aos poucos se formado classes privilegiadas, destacado famílias mais ricas nos cantões e centros urbanos, dominando as zonas rurais. Berna, Friburgo e Lucerna tinham *patriciados* que monopolizavam os *Conselhos*, chegando a privar os burgueses dos seus direitos políticos e reduzindo a *súditos* os habitantes ditos *residentes* nos *bailliados comuns*. Em Basiléia e Zurique eram as *corporações* que se reservavam as posições de mando e os empregos lucrativos, constituindo *oligarquias*. As Repúblicas Suíças, diz George Michaud, também passaram a um absolutismo cada vez mais marcante. No exterior, todos os poderes se concentravam nas mãos de *um só soberano*; nos cantões porém eram repartidos entre famílias ou grupos de privilegiados. As oligarquias cantonais eram, pois, apenas “a forma suíça de

um fenômeno que se prolongava quase em toda a Europa daquela época”. (G. Michaud — *Histoire de la Suisse*)

Foram frequentes os conflitos internos cantonais entre *landamans* (burgomestres) por questões políticas, religiosas ou pessoais, em Zug, Schwytz e Appenzell por exemplo; mas no País-de-Vaud a famosa tentativa do Major Dável de libertar Lausane, em 1723, da dominação de “Suas Excelências de Berna”, embora sem conseqüências imediatas, levou a posteridade valdense a considerar o seu herói como “libertador de sua pátria”, o cantão de Vaud.

Mas, no fim do “Século das Luzes”, as idéias que agitavam a Europa Ocidental iam ter sua eclosão na Revolução Francesa e sua repercussão na Suíça Francesa principalmente. Já genebrenses, friburguenses e valdenses se tinham refugiado na França sem esperança de nada poder fazer na sua terra, onde não existiam nem homens nem programas para sair do imobilismo e efetuar reformas. Em Paris, os patriotas suíços haviam fundado o *Clube Helvético* e divulgavam as novas idéias em publicações enviadas à Suíça. As cidades já conheciam assim as teorias de Rousseau, o genebrense famoso. Coube particularmente ao País-de-Vaud demonstrar o descontentamento reinante com a comemoração da tomada da Bastilha. A França, solicitado o seu auxílio pelos exilados suíços, tinha muito interesse em atender ao chamado, em virtude da posição estratégica ocupada pela Suíça no grande conflito que surgia contra ela na Europa Monárquica. O governo francês do Diretório não hesitou em aproveitar a ocasião e, ajudando os valdenses a reconquistar suas liberdades, invadir os Treze Cantões, entrar em Lausanne e lá proclamar a *República Lemânica* (1798). A ocupação francesa foi também de conquista, saque, pilhagem e recrutamento. os berneses tentaram a resistência, mas Berna foi tomada e os demais cantões se desligaram; estava dissolvida a Confederação dos *Treze Cantões*; Genebra anexada pela França passava a ser capital do *Departamento* francês do Léman. Pouco depois era também ane-

xado a França o Valais sob o nome de *Departamento do Simplon*. Já em 1793, os 1.100 homens da *Guarda Suíça* que defendia o rei nas Tulherias haviam sido massacrados pelo populacho de Paris.

Com a colaboração de alguns suíços, os franceses impuseram nova Constituição ao país ocupado sob o nome de *República Helvética Una e Indivisível*; a instituição era calcada no modelo francês. Trazia boas inovações: abolia as décimas, censos feudais e a tortura, unificava o sistema monetário, abolia as alfândegas internas, garantia liberdade de pensamento, de imprensa, de religião, de indústria e de comércio. Era regime centralizado mas, como tal, anulava o passado tradicional, as diferenças históricas e econômicas e desintegrava a antiga Confederação, sem contar o saque metódico dos fundos públicos e dos recursos diversos, o confisco dos materiais de guerra e outras vexações. A resistência armada dos pequenos cantões católicos foi finalmente vencida. A guerra estrangeira também afetou o território helvético. Entre franceses e russos deu-se a batalha de Zurique, seguida da passagem do Gotardo pelo General russo Suvarof, em retirada para a Itália.

A profunda desorganização causada pela ocupação francesa, bem como as lutas entre *suíços unitários e federalistas*, levaram Napoleão Bonaparte a impor mediação da França, submetendo-se o país a nova organização ditada pela *Consulta Helvética*. Daí resultou, em 1803, o *Ato de Mediação* que aboliu a centralização e, em parte, restabeleceu os antigos órgãos de governo sob forma de *Confederação de Estados*. Foram então 19 os cantões suíços, mas a contribuição militar permanente era encargo pesado. A dominação francesa assegurou uma certa paz interna à Suíça, mas, economicamente, o *Bloqueio Continental* causou fortes prejuízos a indústria suíça e ao abastecimento do país (açúcar, café, etc.).

Com a queda do Império Francês e o Congresso de Viena, sob influência austriaca de Metternich, voltaram muitos patrícios berneses e famílias aris-

tocráticas tentando o restabelecimento, *a restauração do passado*. O literato suíço Cesar de la Harpe, antigo preceptor do imperador russo Alexandre, obteve a sua intervenção na questão suíça de 1815. Depois de longas negociações entre cantões, com a intervenção de representantes estrangeiros, foi finalmente concluído o *Pacto Federal* de agosto de 1815. A *neutralidade da Suíça*, que tinha sido esboçada em 1648, com a sua independência do Império, foi solenemente reconhecida no segundo Tratado de Paris pelas grandes potências.

Assim como no resto da Europa, idéias e formas iam voltando, na medida do possível, a normas do Antigo Regime na Suíça; as liberdades conquistadas e reconhecidas na organização federal iam sendo ignoradas, dificultadas, ou mesmo impedidas na prática. Subsistiram animosidades entre cantões, barreiras jurídicas e econômicas: os vinhos valdenses pagavam na alfândega bernesa; S. Gall exportava pelo Brenner para evitar as treze taxas cobradas no Gotardo. As grandes potências reacionárias interferiam na Dieta Suíça para alcançar os refugiados políticos asilados no país. Entretanto, durante esta fase de restauração, trabalharam os suíços na indústria, nas obras públicas, na reconstituição financeira e nas reformas militares.

Apesar da fraqueza do laço federal e das divergências entre governos cantonais, apesar da censura e dos obstáculos, surgiam de todos os lados intelectuais e liberais que, não podendo agir em conjunto, multiplicavam as *Sociedades Particulares* de utilidade pública, de ciência, de tiro, de estudos. Veio assim a ser criado, em 1829, um *Partido Liberal*, no qual entraram grandes cantões (Zurique, Berna, Friburgo, Vaud, Lucerna) que foram então apelidados os "Regenerados". Os objetivos comuns visaram principalmente a revisão constitucional do Pacto e a instauração do regime representativo democrático, com separação de poderes, abolição de privilégios. A resistência, porém, manifestava-se principalmente em *Basiléia* (campos contra cidades) e

em *Neuchatel* (cantão suíço, mas ainda principado do rei da Prússia). A ação essencialmente intelectual dos liberais desanimou diante dos “Grandes Conselhos” cantonais que temiam uma centralização que alienasse sua independência.

Coube à *política exterior* criar incidentes que modificaram estes conflitos internos. Era na Suíça que, nesta hora, com o despertar nas nacionalidades, o “reduto alpino” concentrava as associações revolucionárias, a *Jovem Polônia*, a *Jovem Alemanha*, como a *Jovem Itália* de Mazzini. Criavam para a Dieta situações comprometedoras que as Grandes Potências não toleravam. O incidente de maior repercussão foi o caso de um conspirador nato, Luiz Napoleão Bonaparte, residente na Suíça e formado capitão de artilharia suíça. A França de Luiz Felipe exigiu sua expulsão, mas a Dieta, diante da onda popular de protestos, recusou. O futuro imperador resolveu o caso, retirando-se espontaneamente para a Inglaterra (1838).

Persistia, entretanto, no país, o conflito latente entre os grandes cantões e os pequenos, entre privilegiados e deserdados; esta situação piorava singularmente pelo ranço confessional da divergência religiosa. Quando surgiu, liderado por homens mais enérgicos que os liberais, o *Partido Radical*, a sua política realista foi seguida pela opinião pública e coube-lhe o governo. Enfrentavam-se novamente, como nos séculos XVI e XVII, as duas correntes religiosas, entre 1841 e 1848, em três questões decisivas.

Em primeiro lugar foi o *fechamento de oito conventos* pelo Grande Conselho de Argóvia, onde predominavam os protestantes. O segundo caso foi a *ação contra Lucerna*, exigindo-lhe a *expulsão dos jesuítas*, aos quais havia sido entregue a direção do ensino. O terceiro foi a *formação de corpos francos* que, apesar de mal sucedidos, determinaram uma aliança separada de sete cantões católicos — o *Sonderbund* (1845). A

esta aliança que acarretava, além de preparativos militares, entendimentos com a Áustria e a França, opuseram aos protestantes uma intimação de expulsão dos jesuítas e de dissolução do *Sonderbund*. A tentativa de solução na Dieta malogrou e foi colocado à frente do exército federal o general genebrense G. H. Dufour. A primeira operação foi a tomada de Friburgo; a batalha de Gislikon foi vitória protestante, seguida da ocupação de Lucerna (1847). Os jesuítas deixaram Lucerna, a aliança foi dissolvida, os vencidos pagaram 6 milhões, em parte por subscrição, em parte por cancelamento da dívida.

Ao determinar a dissolução do *Sonderbund*, a Dieta votou a revisão do Pacto Federal, visando reforçar o governo central do *Estado Federativo*, respeitando a soberania dos cantões. A nova *Constituição de 1848* reservava à Confederação a faculdade de tratar com as potências estrangeiras, a organização militar, a unificação dos pesos e medidas. A autoridade legislativa passava a dois Conselhos: o *Conselho Nacional*, constituído por eleição direta de 1 deputado por 20.000 habitantes e o *Conselho dos Estados* por 44 deputados, isto é, de 2 por cantão. O poder executivo era entregue ao *Conselho Federal* de sete membros com presidência anual de um de seus membros. Além destes órgãos era estabelecido um *Tribunal* de 11 membros. A Constituição era sujeita a revisão em qualquer tempo e não necessitava de aprovação das nações européias.

Em 1948 a atmosfera política da Europa estava um tanto tormentosa e entre os confederados suíços da nova Constituição havia partidários da *ação*, isto é, da intervenção na agitação em favor das liberdades e os partidários da *neutralidade* e *moderação* em relação aos acontecimentos do exterior. As reformas que a nova Carta Magna permitia efetuar criavam um ambiente econômico interno muito favorável ao desenvolvimento. A indústria assistia ao auspicioso desdobrar da iniciativa privada. Em 1856 era fundada a *Escola Politécnica de Zurique*; o serviço mi-

litar no estrangeiro era abolido (exceto em Roma). Com especial atenção à questão das comunicações internas, a Suíça evitava de se tornar, no centro do continente, uma ilha isolada da qual se afastassem as correntes comerciais européias. Ao contrário, passava a ser a *placa giratória da Europa*.



Nesta fase de paz interna e de ajustamento à tendência centralizadora na administração, a Confederação teve, entretanto, que enfrentar alguns casos de política externa. Na *questão de Neuchatel*, a causa dos revoltosos foi sustentada pela Suíça, que respondeu altivamente à ameaça do rei da Prússia. A intervenção de Napoleão III levou este rei a renunciar a seus direitos sobre aquele cantão suíço. Com a própria França surgiu, em 1860, a *questão do Chablais e Faucigny* que a Saboia entregava aos franceses, mas que os suíços esperavam poder anexar à Confederação. O caso foi resolvido com a criação, nos dois territórios, de uma “zona franca” alfandegária. As relações com a França continuaram amistosas e durante a guerra franco-alemã de 1870-71, o governo suíço, depois de proclamada a neutralidade, não hesitou em acolher, na fronteira do Jura, o exército francês de Bourbaki vencido e faminto; cerca de 80 mil soldados, entregando suas armas ao exército federal, foram internados e tratados.

Era evidente que a reforma constitucional de 1848 tinha marcado um passo decisivo na solução da vida política de elementos tão diversos com interesses diferentes. A *centralização*, entretanto, havia sido apenas esboçada e dado os melhores resultados. A “soberania” (este problema do mundo moderno) estava assegurada, mas limitava a sua aplicação ao momento da votação; o povo suíço aspirava a *democracia direta*. Certos cantões como Zurique, Berna e Lucerna efetuavam a revisão de suas respectivas constituições cantonais. Faltava, porém, na Confederação, a atuação dos *landsgemeinde*, aquelas reuniões populares ao

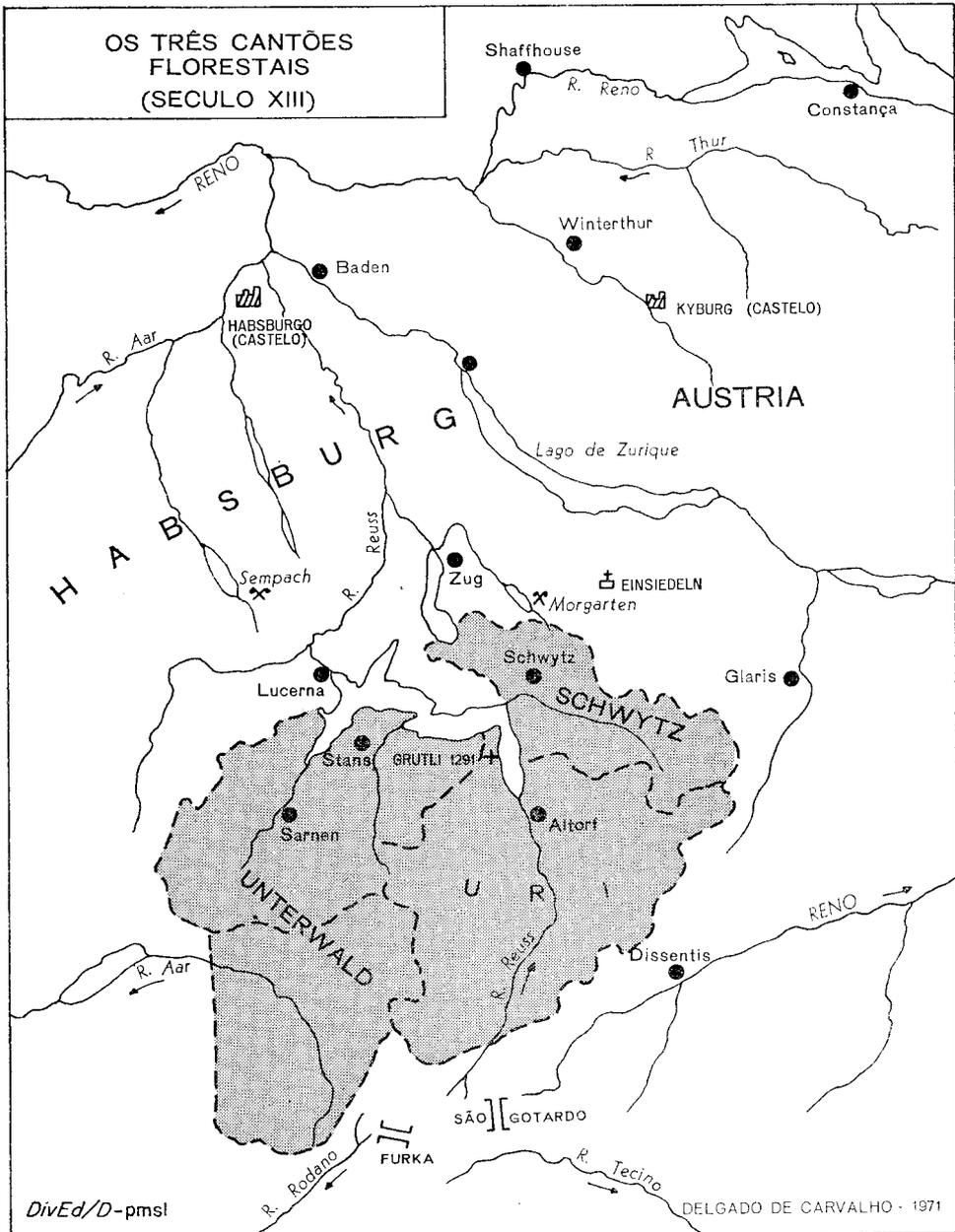
ar livre de tradição medieval e de aspecto histórico ateniense. Finalmente, a Constituição de 1874, hoje em vigor, dotou os suíços de *direito de iniciativa* e do *direito de referendun*.

## 5 — Estrutura Política

“A organização política, diz Marnoco e Souza, lente de Direito em Coimbra, apresenta caracteres particulares, devido a História deste país. A Suíça foi sempre uma democracia, e por isso não precisou basear-se no conceito de divisão de poderes para afirmar os direitos do povo. Era aí tradicional o princípio da subordinação do poder executivo ao legislativo, como consequência da atribuição de todas as funções públicas aos *Landsgemeinden* dos cantões democráticos, ou aos *Grandes Conselhos* dos cantões aristocráticos”. (Direito Público)

Por sua vez, diz o Prof. Machado Paupério, descrevendo o complexo estrutural do Estado suíço: “A Suíça compõem-se de partes semelhantes entre si, mas com fisionomia própria. Uri, Schwytz, os dois Unterwald, Zoug, Glaris, os dois Appenzell eram cantões democráticos; os Grisões, o Valais eram sobretudo federações de comunas autônomas; Zurique, Basileia, Schaffhouse, Saint Gall e, em menor escala, Bienne, Mulhouse e Genebra, baseando-se sobre corporações, eram verdadeiras oligarquias; Berna, Lucerna, Friburgo, Soleure, estados aristocráticos com soberania corporificada num patriarcado exclusivo; finalmente o principado de Neuchatel, o arcebispado de Basileia, as abadias de Saint Gall e de Endelberg apresentavam regime monárquico. Nos diversos territórios suíços, longe estava o Estado de ter igualdade de estatuto político” (*Teoria Geral do Estado*).

As duas citações acima transcritas relatam os fatores geopolíticos que, com a *Constituição de 1874*, mais por agregação do que por unificação, constituíram as bases da estrutura social e política da Suíça. A Magna Carta suíça, atualmente em vigor, é apenas a revisão da Carta de 1848 e tem sido ela mesma freqüentemente sujeita a várias emen-



das (como em 1931, 1938 e 1947) e numerosos “artigos introduzidos” marcam passos sucessivos na marcha para a centralização. Daí resultou mais unidade e maior coesão. No fim do século XIX foi efetuada a unificação do *Direito Civil*, entrando em vigor em

1912, e do *Direito Penal* votado em 1938, mas em 1950 nele foi abolida a pena de morte. Quanto ao *sufrágio feminino*, apresentado em 1959, foi rejeitado pelo referendium de 650.000 votos contra 323.000. Aos poucos, entretanto, o voto feminino vem sendo

adotado nos cantões (Vaud e Neuchatel em 1959, Genebra em 1960, Basileia em 1966 e Tecino em 1969).

As leis militares levaram a maior centralização das forças armadas (1907, 1912). Uma lei federal de 1905 deu a *Banque Nationale* o monopólio das emissões bancárias. Em 1898 foi iniciada a nacionalização das estradas de ferro. São igualmente federais as leis sobre o trabalho nas fábricas.

Quanto à Constituição atual (31 de janeiro de 1874), consiste num legislativo de duas Câmaras: o "Ständerat" ou Conselho dos Estados e o "Nationalrat" ou Conselho Nacional. O primeiro é formado de 44 membros escolhidos e pagos pelos 22 cantões da Confederação; sua eleição é feita segundo a lei cantonal (3 cantões estão subdivididos em meios-cantões). O segundo, de acordo com o referendium de 1962, é formado por 200 Conselheiros escolhidos por eleição direta por quatro anos, em proporção com as respectivas populações dos cantões representados. Os principais partidos são: o Social-Democrata, o Radical, o Católico-Conservador e o Agrariano. O executivo é exercido pelo Bundesrat ou Conselho Federal de sete membros eleitos por quatro anos pelas Câmaras Legislativas reunidas. O Presidente do Conselho Federal, que é o Presidente da Confederação, é eleito por um ano sem reeleição imediata. Este Conselho é apenas um "Conselho de Ministros" (Interior, Exterior, Justiça, Finanças, Agricultura e Indústria, Comunicações e Exército). O Vice-Presidente é geralmente o sucessor do Presidente. No que diz respeito ao Judiciário, foi estabelecido em Lausanne o Tribunal Federal, criado em 1848, constituído de 26 a 28 membros eleitos e reelegíveis por seis anos, divididos em 4 câmaras.

A característica desta estrutura governamental é o fato de o Conselho

Federal ser um órgão colegiado que não é responsável, no sentido parlamentarista, perante as Câmaras. Mesmo em minoria, sem voto de confiança das Assembléias, não se demite nem pode dissolver o Conselho Nacional. "É mais poderoso e de modo especial mais independente, diz Machado Paupério, pois, praticamente inamovível, dificilmente pode ser controlado, em virtude da grande complexidade dos assuntos de governo".

Este regime colegiado, dito executivo plural ou sistema diretorial, pois foi inicialmente inspirado pelo regime francês do "Diretório", em 1795, é uma das feições que mais tem despertado a curiosidade de constitucionalistas estrangeiros. Na República Oriental do Uruguai\* um dos grandes chefes colorados, Batlle y Ordóñez, recusando uma reeleição à presidência do país, foi, entre 1907 a 1911, à Suíça estudar o regime helvético de regime colegiado. Na sua segunda presidência, em 1918, substituiu o executivo unipessoal por uma Junta de nove membros. Foi de pouca duração este regime no Uruguai, pois Gabriel Terra o aboliu.

A originalidade do colegiado é a eliminação do personalismo. A presidência é mera formalidade, apesar de *primus inter pares*, o Presidente não desempenha função especial, a não ser de Conselheiro Federal; praticamente, só faz figura de *Chefe de Estado* nas questões de representação internacional.

"Toda política interior fica ligada à política exterior, da qual é hoje principalmente um aspecto, uma consequência, diz Fred de Diesbach. "A nossa tem um nome histórico: a neutralidade. Mas a neutralidade não é uma meta; não é um objetivo por si só. O fim é a salvaguarda de nossa independência. A Suíça não é feita para ser neutra; é a neutralidade que foi feita para a

\* Vide Atlas de Relações Internacionais n.º 16

Suíça. É uma tática, uma atitude perante a Europa... No dia em que, em vez de garantir se tornasse um perigo, teria logo de ser abandonada" ("Vérité sur la Suisse").

## 6 — Desenvolvimento Econômico

Até meados do século passado a Suíça era conhecida como região essencialmente *campestre*, de cidades pequenas, mas dedicada a criação de *gado*, exploração de *florestas* e a cultura da *vinha* e dos *cereais*. Hoje, o conceito que predomina no estrangeiro é muito diferente. Não que o trabalho dos campos e das pastagens se tenha reduzido, pois conserva toda a sua importância, mas grandes esforços foram realizados para transformar as atividades artesanais em *grandes indústrias*, sem prejudicar os progressos dos tradicionais trabalhos a domicílio.

Como já foi dito, nem a posição geográfica nem o solo nem o clima favoreciam o país. Como escreveu o Prof. Jaccard: "a própria pobreza de nosso país foi sua riqueza, pois determinou no nosso povo um espírito de atividade e trabalho que, para a vida econômica, foi muito mais fecundo do que se a natureza tivesse dotado a terra helvética das riquezas do Meio-Dia".



a) A agricultura suíça não tem para o país a importância que representa para os seus países vizinhos, França, Alemanha ou Itália. Os suíços só aproveitam pouco mais de 8% do solo produtivo que possuem; comparada à França (48%) a proporção é mínima.

O *trigo* era cultivado outrora em maior escala, mas a concorrência estrangeira e as condições de clima menos favoráveis determinaram a redução de sua cultura. Daí a necessidade de recorrer a importação de cerca de 75% das necessidades do país. Nas encostas montanhosas são cultivadas a *aveia*, o *centeio* e a *cevada*. As maiores áreas de cultura dos cereais se encontram no

planalto central entre os grandes lagos de Genebra e de Constança; é a região das *castanheiras*, dos *pinheiros*, das *nogueiras* e das *árvores frutíferas* (macieira, pereira, pecegueiro etc.). Além da *batata*, cultura iniciada no século XVI, foi iniciada, no século XIX, a da *beterraba* para a produção de açúcar.

O clima suíço dotado de boas chuvas faz prosperar as culturas *forageiras*. As pastagens nas montanhas, os prados nativos e os artificiais (trevo, luzerna) se multiplicam ao subir as encostas alpinas.

Uma das especialidades agrícolas da Suíça é a *viticultura* que representa importante fonte de renda na economia do país, embora haja *deficit* na produção indígena e recurso a certa importação. O vinho é produzido em 18 cantões e, em 1968, rendeu 200 milhões de francos, mas há certas regiões privilegiadas. As videiras já não ocupam mais as áreas que cobriam no início deste século, devido às pragas, como o filoxera. Além da luta contra estas pragas, tem sido reconstituídas plantações com enxertias americanas em espécies indígenas. Os vinhos mais apreciados são os valdenses de *Lavraux*, *Vevey*, de *Villeneuve*, isto é, a costa lemaniana, bem ensolarada: são vinhos brancos. Nos cantões de *Zurique*, *Genebra* e de *Neuchatel* também há vinhos afamados.

Mas o som das campânulas, lentamente soando ao caminhar das vacas, num cair da tarde em paisagem alpestre ainda é a sugestiva visão da Suíça tradicional sempre viva e pacífica. O *gado bovino* contando cerca de 2 milhões de cabeças (o milhão foi alcançado em 1873), é a mais proveitosa *indústria rural* e cresceu à custa das reduções do gado menor (caprino, porcino e ovino). No planalto e nos pré-Alpes destacam-se duas variedades principais: o *gado castanho escuro* de *Schwytz*, que representa 40% dos rebanhos e se distribuiu no sul e leste, e o *gado malhado* do norte e oeste, que se destaca nas raças *Simmenthal* (casta-

nho e branca) e *Friburguesa* (preta e branca). No Valais existe um tipo de estatura menor. O gado suíço nem sempre se acha preservado contra a febre aftosa.

O objetivo principal da criação de gado bovino na Suíça não é a produção da carne, da tração, do couro ou mesmo do leite, mas sim a industrialização deste último, embora o seu consumo urbano como bebida seja mais elevado *per capita* do que em qualquer outro país. Cerca de 80% do leite é transformado em *queijo, manteiga e leite condensado*. É grande a exportação de queijo e são afamadas as suas espécies: o Emmenthal (bernês), o Oberland, o Gruyère (friburguês) e o Vacherin, indústria de inverno no Jura Valdense. Outros cantões também produzem queijos diversos (Glaris, Lucerna etc.).

Desta indústria rural, resultante dos laticínios, destacou-se, em meados do século passado, a preparação do leite condensado, iniciada em Zug em 1866. A *Anglo-Swiss Condensed Milk Co.* funcionou em 1905 com a sociedade fundada em Vevey no cantão de Vaur, pelo químico *Henri Nestlé*. No mundo inteiro tornou-se conhecida a produção suíça desta industrialização do leite sob forma de *farinha lactea*.

A indústria do *chocolate* havia sido importada da Itália por operários piemonteses que trabalhavam em Florença; em 1809 foram instaladas em Vevey fábricas por *F. L. Cailler*. Vieram em seguida outros fabricantes de chocolate e, em 1875, *Daniel Peter* associou o leite a sua fabricação. Na Suíça Francesa foi considerável o desenvolvimento desta nova combinação industrial. Aliás, a indústria alimentar suíça foi se salientando em vários produtos de exportação como os cubos *Maggi* e *Knorr* para sopas, muito apreciados no Brasil.



b) No *artezanato* predominou até o início do século XIX a produção industrial da Suíça; com o desenvolvimento

da *tecelagem*, da *relojoaria* e das *máquinas* entrou o país na era manufatureira, perdendo um pouco as vantagens da indústria a domicílio que a divisão do trabalho e a acumulação de matérias-primas não mais proporcionavam. Entretanto, subsistem na indústria familiar, a produção de *rendas, bordados, fitas, luvaria e escultura de madeiras*, tão apreciada pelos turistas e que emprega os camponeses quando o inverno os priva de suas atividades rurais. Os bordados mais afamados são executados principalmente na Suíça Alemã, onde se destacam *Saint Gall, Appenzell e Turgóvia*.

Faltando carvão, petróleo, ferro e matéria-prima para os têxteis, a Suíça só podia chegar à alta situação econômica em que se acha tirando proveito de duas coisas: em primeiro lugar das consideráveis *forças hidráulicas* das imensas reservas de "hulha branca" representadas pelos seus rios, impréstáveis à navegação, mas ricamente dotados de rápidos e quedas; segundo lugar, de uma *mão-de-obra* de alto valor, dotada de habilidade técnica, comparativamente abundante e barata.

Com o normal crescimento de sua população e os imperativos de uma civilização evoluída, a Suíça não achava mais, no seu isolamento continental, os recursos alimentares de que necessitava e não dispunha de capitais para adquiri-los em suas proporções necessárias. Assim sendo, no decorrer do Século XIX, os suíços foram se dedicando às *indústrias de acabamento e valorização de matérias-primas importadas*, cuja exportação rendesse fortes excedentes que suprissem todas as necessidades de uma civilização superior. Não há dúvida que a onda de *proteccionismo* que percorreu a Europa no fim do século passado, criou taxas alfandegárias que prejudicaram um tanto as exportações suíças, mas estas exportações jamais perderam o seu *valor de trabalho técnico* ao serem vendidas no estrangeiro. Daí a multiplicação dos centros urbanos onde operários não deixam de cultivar as terras vizinhas, como determinou o *Plano Wahlen*, du-

rante a Segunda Guerra Mundial. Consistia tal Plano em mobilizar a mão-de-obra urbana para desmoitar progressivamente parcelas de terreno medíocre e de pouco valor. O resultado do Plano fez passar as terras de cultura de 180.000 para 370.000 hectares.

Sob o ponto de vista da localização das indústrias suíças, pode-se dizer que estas se estendem no planalto, entre as serras paralelas do Jura e o relevo pré-Alpino, numa larga faixa contínua entre o lago de Genebra e o de Constância. Os quatro maiores centros são: *Zurique* que localiza as indústrias de tecidos de algodão, seda, linho e lã, assim como a fabricação de máquinas (Winterthur); *Saint Gall* focaliza principalmente a indústria bordadeira; *Basiléia* é centro de metalurgia e produtos químicos; na região do Jura, entre *Genebra* e *Shaffhouse*, estende-se a indústria relojoeira.

A Suíça possui jazidas de ferro, chumbo e cobre em diferentes cantões, como no de Valais, parte de Berna e Grisões, mas são de pouco teor os minérios, donde em parte abandonados pela exploração.

Ao desenvolvimento desta industrialização do país se prende intimamente a sua *história comercial* nos últimos quatro séculos, explicando o caminho seguido nos diferentes ramos de sua economia.

Em primeiro lugar deve ser lembrado o Tratado dito da *Paz Perpétua* assinado com a França em 1516 e os tratados de *comércio e de "capitulação militar"* que ligaram o desenvolvimento suíço à causa francesa na Europa. Regimentos "capitulados", e não apenas mercenários, serviram os reis da França até a Revolução.

Em segundo lugar, a *neutralidade militar e política* que a Confederação conseguiu manter e fazer respeitar nas freqüentes guerras dos séculos XVII e XVIII, constituiu um elemento de estabilidade e segurança favorável ao intercâmbio com os vizinhos.

Em terceiro lugar, um fator de desenvolvimento econômico e de influên-

cias favoráveis, o papel desempenhado, durante e depois da Reforma, pela *imigração de refugiados* de países onde havia perseguição religiosa. São vários e por vezes pitorescos os episódios que marcaram na Suíça estas proveitosas imigrações estrangeiras.

Este último aspecto do surto industrial é descrito do seguinte modo pelo economista e professor de Lausanne Albert Masnata: "A primeira onda de refugiados (fim do século XVI) foi industrialmente a mais favorável à Suíça. Em Basiléia, a indústria das fitas de seda foi introduzida por um refugiado espanhol dos Países Baixos — tomou pé aí, se desenvolveu e lá subsiste. Em Zurique, refugiados de Locarno e italianos dão novo impulso à indústria da seda. Em Genebra é a indústria relojoeira implantada por um "religionário" francês. Mais tarde na segunda metade do século XVII, a indústria relojoeira tomou pé no Jura de Neuchatel; desta vez, por um feliz acaso que colocou nas mãos de um jovem ferreiro de La Sagne, Daniel Jean Richard, um relógio a consertar por conta de um inglês em viagem. Mais ou menos naquela época, a relojoaria se implantava no vale do Joux, no País de Vaud, com o auxílio de refugiados franceses expulsos de seu país pela revogação do Édito de Nantes. Em idênticas condições desenvolve-se a indústria do algodão, depois de iniciada em Zurique e Basiléia, na Idade Média, em Glaris, S. Gall e arredores; em Zurique, no século XVI, com o auxílio de locarneses, e em 1660 de refugiados franceses. Em S. Gall, a indústria do algodão só foi introduzida no século XVIII, pois, até então, a indústria do linho tinha exclusividade. Cita-se o nome de Pierre Bion, huguenote francês, fixado na Alemanha, como fundador da primeira tecelagem de algodão em S. Gall". (Albert Masnata — Aspecto Histórico do Desenvolvimento Industrial Suíço — Conferência em Londres).

No caso da relojoaria, o jovem Jean Richard de 15 anos de idade tratou de fabricar as ferramentas que lhe haviam servido ao conserto do relógio inglês,

ensinou a sua arte ao seu único filho que se estabeleceu em *Le Loclé* em 1700. Daí alastrou-se a fabricação de relógios pelo Jura, para *La Chaux de Fonds* e outros distritos. *Genebra* especializou-se em relógios de luxo; são hoje célebres as marcas Longines, Zenith, Vaucheron, Patek-Philip, registrando anualmente sempre aperfeiçoamentos. Diz H. A. Jaccard (*Géographie Économique de la Suisse*) que “de dez relógios vendidos no mercado mundial, nove são fabricados na Suíça”. Mas, agora, e os japoneses?

Nesta fase inicial da industrialização suíça predominavam as combinações do *mercantilismo* e dos *regulamentos corporativos* que restringiam privilégios econômicos às sociedades urbanas. Daí a necessidade dos refugiados e seus associados de escolher atividades novas ainda não regulamentadas e procurar mão-de-obra rural, recorrendo de preferência ao trabalho a domicílio. Uma circunstância favorável à Suíça era a disposição do *mercado francês*, para o qual encaminhava suas exportações. Assim, pôde ser, aos poucos, acumulado *capital* por chefes de indústria e mão-de-obra barata, dando à Suíça acesso ao maquinismo moderno do século XIX. Para progredir e prosperar era, porém, necessário cuidar constantemente de novos mercados: a exportação suíça para a Europa caiu de 1886 a 1950 de 80% que era a 62%, fato que revela sua conquista de mercados extra-europeus. Mas os mercados conquistados precisam ser conservados; nestas condições, para enfrentar os concorrentes, a indústria suíça passou a ser mais minuciosa, observando os mínimos progressos na fabricação de artigos de sua exportação. A constante pesquisa de *novas invenções* e de *aperfeiçoamentos* (na relojoaria particularmente) é hoje uma das características do comércio suíço. Além disso, a mão-de-obra suíça, os seus empreiteiros e chefes de indústria já entraram na fase atual de *enxames* além das fronteiras, isto é de emigração das indústrias em *economia multinacional*.



O problema econômico mais importante da Suíça, desde as suas primeiras atividades, como povo da Europa Central, foi o das comunicações. Logo apareceram os Alpes como barreiras relativamente intransponíveis; na realidade, o grande número de seus vales transversais os dotou de muitos passos. Por sua vez, o Jura, com suas serras paralelas tem se revelado menos fáceis do que parecia à primeira vista. Quanto ao Planalto, evidentemente era destinado a servir de palco geográfico a todas as primeiras fases históricas nas primitivas lutas para formação, conquista e perda de soberanias territoriais e, por fim, à união nacional.

Os rios são muito numerosos, sendo que o *Aar*, tributário do Reno, o rio mais central do país, com os maiores lagos de Constança, de Genebra, de Zurique, de Thoune e outros permitem navegação de pequeno porte. Mas, cabe ao *Reno*, no seu último setor suíço, ser o único a possuir um porto fluvial, *Basileia*, em comunicação direta com *Antuérpia* e *Rotterdam*

Quanto às *estradas*, vários vestígios existem das que os romanos construíram na Helvetia para fins militares. Logo cruzaram os Alpes estas vias largas e retas, em geral pavimentadas, como se vê numa ponte perto de Morges num “miliarium” do ano 213 que Caracala foi “restaurador das pontes e calçadas”. Na era cristã já eram atravessados os Alpes em sete diferentes passos *S. Bernardo*, *Simplon*, *Splügen*, *Septimer*, *Julier*, *Maloja* e o famoso *S. Gotardo*, causa principal do Pacto de 1291. Hoje, podemos acrescentar aos túneis do *S. Gotardo* (1882) de 14.998 metros o do *Simplon* (1906) de 19.803 metros o do *Lötschberg* (1913) de 14.612 metros; o túnel do *Monte Branco*, entre a França e a Itália, inaugurado em 1965, que interessa a Suíça do Valais, onde Martigny é caminho de Chamonix, com 15 km.

Se, atualmente, sob o ponto de vista das comunicações intereuropéias, a Suíça pode ser considerada como a placa giratória do continente, é forçoso reconhecer que foi intenso o trabalho

a realizar para a isto chegar, visto que o individualismo dos cantões ia desenvolvendo uma organização sistemática de descentralização; perigava o país de ser evitado e contornado pelas linhas de comunicações de seus grandes vizinhos. De fato, foi somente em 1848 na elaboração da nova *Constituição Federal* que se cogitou da necessidade de um plano de conjunto. Foram convidados dois engenheiros ingleses a apresentar uma relação dos vales mais indicados para as linhas férreas necessárias. O plano comportava 650 km, mas as discussões adiaram a solução e em 1872 foi encerrada a questão de S. Gotardo aparecendo a necessidade de restituir à Confederação o controle das estradas de ferro e o monopólio das concessões. A Constituição de 1874, de fato, havia dado maior unidade e coesão à política interna do país e aberto o caminho a medidas centralizadoras. A *nacionalização das estradas de ferro* foi votada em 1898 como “serviço de estado”, mas só terminou em 1909 com a encampação da linha do S. Gotardo.

Foi principalmente depois de 1870 que as *linhas transversais* estabeleceram ligações entre países estrangeiros por percursos através de linhas suíças. Entre as principais podem ser lembradas as seguintes:

— Paris—Dijon—Lausanne—Simplon para a Itália e o Oriente.

— Paris—Belfort—Berna—Lötschberg.

— Genebra—Basiléia—Zurique—Lago de Constança.

— Basiléia—S. Gotardo—Chiasso para a Itália.

— Basiléia—Zurique—Arlberg para a Áustria.

A simples leitura de um mapa de estradas de ferro da Europa Central salienta a importância das estações de trânsito e de junção como Basiléia,

Genebra, Zurique, Winterthur, Olten, Lausanne e Lucerna. Sob a administração do Estado, os “Chemins de Fer Fédéraux” ou “Schweizerische Bundesbahnen” abandonaram aos poucos o uso

do carvão — que representava um pesado tributo pago ao estrangeiro, por vezes de difícil aquisição — para recorrer à eletrificação das linhas.

No que diz respeito à *aviação*, a Suíça não se demorou em aparelhar-se para alcançar pelo ar regiões estrangeiras que nem por terra nem por mar estão com ela em relações econômicas permanentes. Em 1931 foi fundada a empresa *Swissair* que conta com mais de 40 aviões (1969). A aviação civil da Suíça, que também inclui roteiros internacionais, transportou em 1968 cinco milhões e meio de passageiros, enquanto no mesmo ano a Itália registrava nos seus aviões civis idêntica cifra e a França sete milhões e setecentos passageiros. Em relação a seu tamanho e população, aparece assim a importância da aviação para a atuação suíça no mercado mundial.

## 7 — A Suíça e as Guerras Mundiais

As transformações profundas que se deram nas condições econômicas, sociais e políticas do presente século, em consequência das grandes guerras mundiais, tiveram também repercussões marcadas na evolução da Suíça contemporânea.

Nos primeiros dias de agosto de 1914, o *Conselho Federal* mobilizou o exército e notificou aos beligerantes a *neutralidade da Suíça*. Esta foi respeitada, mas, na pátria helvética, surgiram logo divergências de opinião entre suíços-franceses e suíços-alemães que a imprensa envenenou durante os primeiros tempos.

Dependendo exclusivamente de seus vizinhos, para obter da Alemanha o seu *carvão* e, dos Estados Unidos, por intermédio da França, o seu *trigo*, tinha por outro lado de abastecê-los de *leite*, *queijo*, *manteiga* e *gado* para deles obter as *matérias-primas* necessárias às suas indústrias. A duração da guerra e a entrada dos Estados Unidos no conflito obrigaram o governo a iniciar em 1917 a prática do *racionamento* (açu-

car, leite, manteiga) e os preços começaram a subir, encarecendo a vida com a alta dos *salários*.

Quando, no fim de 1918, terminou o conflito, tendo grupos de refugiados se convertido aos princípios da revolução russa, foi deflagrada uma *greve geral* que o exército teve que reprimir. Ao mesmo tempo declarava-se a *gripe* que fez numerosas vítimas, como aliás em toda a Europa.

A atuação internacional mais eficiente exercida pelo povo suíço durante a guerra de 1914-18, foi essencialmente *humanitária*. Coube à *Cruz-Vermelha Internacional* e a *Agência dos Prisioneiros de Guerra*, em Genebra, servirem de intermediárias entre os beligerantes, acolhendo os feridos, pondo em comunicação os internados com suas respectivas famílias e repatriando civis e estudantes.

No *Tratado de Versalhes* que seguiu a I Guerra Mundial foi incluído o *Pacto da Liga das Nações* com o *Bureau Internacional do Trabalho*. A cidade de *Genebra* foi escolhida para a sede da Liga e a Suíça foi convidada a fazer parte dela. Pela *Declaração de Londres de 1920* o governo federal aceitou sob condição de reconhecerem as Potências a *neutralidade perpétua* da Suíça. Isso mesmo se fez depois de uma consulta ao povo que, aos 416.000 votos favoráveis se opuseram 323.000 votos negativos. A aceitação prevalecia nos cantões franceses e a recusa nos alemães. Quando porém surgiu a questão ítalo-etiópica, a Suíça, pronta a se associar a todas as obrigações do Pacto da Liga, pediu para ser libertada das *sanções econômicas* aplicadas à Itália em 1936 e obteve assim o reconhecimento de sua *neutralidade integral*.



O governo suíço não reconheceu o regime soviético em 1917, rompeu relações com a Rússia em 1923 e, por fim, recusou em 1934 a aderir ao pedido russo de admissão à Liga das Nações. Só mesmo em 1946 voltaram a ser restabelecidas as relações diplomáticas normais.

Durante o período entre-guerras a Suíça passou por uma fase de prosperidade econômica: sua população urbana cresceu muito à custa da população rural que, sem prejudicar o desenvolvimento agrícola, passou a constituir apenas 25% da população total. Corresponhia o fato aos *progressos industriais* realizados em diversos setores e principalmente a um decisivo aproveitamento dos excepcionais recursos da hulha branca com a multiplicação das *centrais hidroelétricas* e a extensão da *indústria metalúrgica*. A expansão das atividades suíças foi também marcada além das fronteiras do país, pela abertura de sucursais em vários países, pelas missões de técnicos e "know-how". É calculado em cerca de meio milhão o número de suíços localizados no estrangeiro.

Dois anos antes da deflagração da II Guerra Mundial, a situação internacional levou a Suíça a prever uma mobilização em grande escala. De fato, as forças sob o comando do General Guisan contaram cerca de 400 mil convocados. "Por meio da criação do *Reduto Nacional*, diz Georges Michaud, espécie de fortaleza natural nos Alpes, reduzindo a extensão à periferia a defender e permitindo às tropas de concentrar suas forças num terreno favorável, o exército foi colocado em situação de poder desempenhar sua missão em toda e qualquer circunstância". (*Histoire de la Suisse*).

Desta vez a coesão da população suíça levou a opinião pública a reconhecer unanimemente de que lado vinha o perigo. Manifestou este sentimento ao celebrar, a 1.º de agosto de 1941, o 650.º centenário do *Pacto do Grütli* de 1291.

A experiência da I Guerra Mundial serviu às autoridades para enfrentar os problemas de abastecimento, de estocagem de mercadorias e produtos alimentícios. O *Plano Wahlen*, já mencionado, referia-se à extensão das culturas, o *Plano Zipfel* à reserva de grandes obras públicas para eventualmente enfrentar crise de desemprego. O papel desempenhado pela Suíça, vinte e cinco anos

atrás, no acolhimento de refugiados, prisioneiros e feridos, foi renovado e ampliado, em virtude das atividades de consulados e legações nos países privados de representação diplomática pela ocupação estrangeira.

Quando, porém, terminadas as hostilidades, 50 nações se reuniram em S. Francisco (1945) para elaborar a *Carta das Nações Unidas*, a Suíça não entrou na nova Liga, cuja sede escolhida foi Nova York e não mais Genebra. Não se mostrou alheia, entretanto, a muitas atividades internacionais compatíveis com a sua neutralidade. O primeiro exemplo havia sido dado em 1863-64 quando, por iniciativa do genebrense *Henry Dunant*, depois da guerra da Itália, foi fundada, por oito Estados na *Convenção de Genebra*, a Cruz Vermelha. Em 1865 a Suíça fundava a *União Telegráfica Universal*, seguida, em 1874, da famosa *União Postal Universal*, hoje parte das Nações Unidas, assim como a *Organização Mundial da Saúde*, a *Organização Meteorológica Mundial* e a *Organização Internacional do Comércio* (GATT) todas parte do Conselho Econômico e Social da ONU, com sede em *Genebra*, verdadeiro "home" das Uniãoes Internacionais.

## CONFEDERAÇÃO SUÍÇA EM 1960

### Área e População

CANTÕES	Data de entrada	Superfície em km <sup>2</sup>	População (em centenas de milhares)
Zurique.....	1351	1.729	952,3 +
Berna.....	1353	6.887	889,5 +
Lucerna.....	1332	1.494	253,4 *
Uri.....	1291	1.075	32,0 *
Schwytz.....	1291	908	78,0 *
Obwaldin-Niedw....	1291	766	23,1 *
Glaris.....	1352	684	22,1 +
Zug.....	1352	239	40,1 *
Friburgo.....	1481	1.670	52,4 *
Soleure.....	1781	791	159,1 *
Basiléia.....	1501	465	200,8 +
Schaffhouse.....	1501	298	65,9 +
Appenzell.....	1513	415	61,8 +
St. Gall.....	1803	2.016	339,4 =
Grisões.....	1803	7.109	147,4 =
Argóvia.....	1803	1.404	360,9 +
Thurgóvia.....	1803	1.006	166,2 +
Tecino.....	1803	2.811	195,5 *
Vaud.....	1803	3.211	429,5 +
Valais.....	1815	5.231	177,7 *
Neuchatel.....	1815	797	147,6 +
Genebra.....	1815	282	259,2 =

maioria { católica \*  
          { protestante +  
          { mixta =

(novembro de 1971)